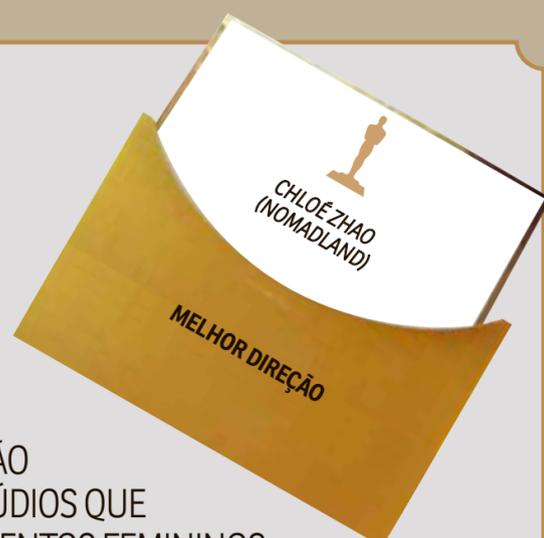


Diversão & Arte



MESMO COM AVANÇO DO STREAMING, PREMIAÇÃO SEGUE APEGADA AOS MODELOS DE PRODUÇÃO DOS ESTÚDIOS QUE CALCARAM A VITÓRIA DE **NOMADLAND**, TÍTULO QUE COROOU TALENTOS FEMININOS

OSCAR

RETOMA FÔLEGO



As produtoras de *Nomadland*, Frances McDormand e Chloé Zhao: vencedoras também como melhor atriz e melhor diretora



Yuh-Jung Youn, eleita melhor atriz coadjuvante: galanteios para Brad Pitt



Glenn Close, ainda alinhada, antes de roubar a cena com uma dança impagável de *Da 'Butt*



Daniel Kaluuya, ativismo e graça, num discurso de vitorioso

Fotos: Chris Pizzello/AFP



» RICARDO DAEHN

Uma retomada de fôlego, por detrás das máscaras, era a promessa mais aguardada para dar o tom dos prêmios Oscar, na 93ª premiação, em que o tradicional Dolby Theatre ficou vazio — fazendo coro com os cinéfilos reticentes em encarar o regresso às salas de cinema. Mas, por trás de uma sobriedade exigida pela pandemia que já sacrificou mais de 3 milhões de vidas, na festa conduzida por Steven Soderberg (ironicamente, o diretor de *Contágio*), o clima de festejos não foi pleno: artistas testados e vacinados, cautelosamente, buscaram não exagerar na oportunidade de socializar como uma comunidade em busca da recuperação de um status quo periclitante com o avanço do streaming.

O poderio da Netflix se fez sentir, pelo vigor das plataformas, ponte para o contato com os filmes, pelo temporário declínio da tradicional exibição em salas de cinema. Foram sete vitórias de troféus Oscar para a Netflix, que esteve representada em 22 do total de 23 elencadas para a festa. O novo modo de assistir aos

filmes é exemplificado pelo poderio da Netflix: em 2019, o longa *Roma* quebrou paradigmas da Academia, e, enquanto no ano passado a empresa ostentou 24 indicações, em 2021 não foram menos do que 36 candidaturas ao prêmio e com vitória em pontos-chaves para quem, por exemplo, vê os curtas-metragens como trampolins para a formação de futuros cineastas que vão remodelar a linguagem do cinema.

Mas os estúdios tradicionais tiveram o quinhão de glória no Oscar. *Meu pai*, *Judas e o Messias Negro*, *Minari*, *Soul*, *Tenet* e *Nomadland* (vencedor do prêmio máximo) estiveram presentes com troféus atrelados ao sistema de estúdios da sétima arte ou a sustentáculos independentes. O poderio do streaming foi validado ainda pelo bom resultado de *O som do silêncio*, representante da Amazon Studios. Mas a sustentação das projeções com estreias em salas de cinema norteou a maioria dos concorrentes a melhor filme: o contingente de votantes da Academia selecionou, entre oito títulos, apenas dois lançados diretamente em streaming: *Nomadland* e *Minari* — Em

busca da felicidade. Há um foco de resistência para modelos apregoados na indústria de Hollywood.

Clima de taverna

Valendo-se de uma atmosfera intimista, a festa do Oscar transcorreu na Union Station, fazendo lembrar a reduzida proporção de gente vista nos festejos do Globo de Ouro. Equívocos foram inegáveis: houve anticlímax na antecipação do anúncio do melhor filme (*Nomadland*), enquanto a homenagem a personalidades mortas causou espanto não apenas pela velocidade do clipe de tributo, mas pelo estranhamento da música de fundo: a animada *As* (de Stevie Wonder).

Por outro lado, houve bem-vindo desfilarem de talentos negros premiados (ou não), com marcantes presenças de Regina King, Angela Bassett e Halle Berry. Em destaque, os discursos referendaram pessoas do calibre de Duke Ellington, Nina Simone, Malcolm X e Fred Hampton, liderança do partido Panteras Negras morta em 1969. “Hampton me mostrou quem eu sou e ensinou a me amar”, reforçou o premiado coadjuvante Daniel Ka-

luuya (*Judas e o Messias Negro*), antes de estarrecer a mãe dele, citando a felicidade de existir, dada uma transa dela com o pai dele. Do mesmo filme, o roteirista Kenny Lucas causou surpresa ao referendar a importância de *Cidade de Deus* (filme brasileiro de 2002) na formação dele.

Outras conquistas que diminuíram o hiato no reconhecimento a negros, no âmbito do Oscar, vieram a rodo. O passado de segregação foi citado pelas vencedoras no quesito maquiagem e penteado, primeiras negras reconhecidas da categoria, com *A voz suprema do blues*. A trilha sonora de *Soul* também trouxe Oscar para o pianista Jon Batiste. Ainda no plano da música, H.E.R. (entoando *Fight for you*) subiu ao palco para destacar: “Conhecimento e música são poder. Vou lutar pelo meu povo e pelo que é correto”.

Ainda que tenha vetado a esperada vitória póstuma do colega Chadwick Boseman (de *A voz suprema do blues*), a vitória de sir Anthony Hopkins (que interpreta um idoso adoentado, em *Meu pai*) revelou a tendência do Oscar de tornar visível a consagração de experimentados talentos. Hopkins, morando no País de

Gales, dormia no momento da celebração e, pelo diretor de *Meu pai*, Florian Zeller (vencedor de melhor roteiro adaptado), foi festejado “como o melhor ator vivo”. Na sexta indicação, e agora dono de dois Oscars, Hopkins, aos 83 anos, se tornou o mais idoso premiado da categoria central.

Recém-premiada como melhor atriz, a experiente Frances McDormand (de *Nomadland*) acumula três prêmios Oscar, ao lado de Meryl Streep (recordista em indicações) e Ingrid Bergman, ficando atrás apenas de Katharine Hepburn. Numa citação shakespeariana, Frances, aos 63 anos, disse: “Não tenho palavras: minha voz está na minha espada”, ao glorificar o ofício da atuação. *Nomadland*, uma representação do ideário de integração de comunidades nômades, se mostrou um divisor de águas, no reconhecimento de talentos femininos no Oscar, rendendo troféu para a segunda melhor diretora no apanhado do Oscar Chloé Zhao (a primeira asiática agraciada com prêmio e vencedora, ainda, na função de produtora do melhor filme). Ela saudou as pessoas que, com coragem e fé, “se apegam à bondade inerente em si”.